

N.º 53 — LISBOA, 14 DE JANEIRO

2.
ANO
1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2500 rs
Semestre, 26 numeros..... 3500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 13800 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
83, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

RUSSIA E JAPÃO



A paz armada... até aos dentes

O Municipio e os principios



O reunir pela primeira vez, a nova camara municipal de Lisboa acaba de votar uma moção declarando-se coacta.

Este facto absolutamente estupendo passará naturalmente despercebido.

Comtudo, deu-se.

Estando reunida toda a vereação sob a presidencia do sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, e em o dia 7 do corrente mez, o vereador sr. Carvalho Pessoa mandou para a meza uma moção reclamando para os representantes legaes da cidade o «livre exercicio das funcções correspondentes ao seu mandato».

Esta moção, o que significa?

Para nos servirmos das suas proprias palavras, ella significa que os representantes actuaes da cidade se reputam despojados de uma liberdade de acção, sem a qual estão incapacitados de exercer «as funcções correspondentes ao seu mandato».

Em conclusão, ella significa que os representantes da cidade se reconhecem—digamol-o outra vez—coactos.

E' bem esta a significação das palavras do vereador sr. Carvalho Pessoa?

Suppomos que sim.

Mas sendo assim — que extranho disparate é este!

A camara municipal de Lisboa aborrece o regimen da coacção e faz-se eleger no regimen da coacção?!

Admittamos, por um momento, que o actual municipio não foi eleito sob o patronato do governo, mas pelo voto livre da Cidade. Admittamos, em resumo, um municipio de genuina origem popular.

Para que se fez elle eleger, se anticipadamente sabia que não poderia exercer livremente as funcções correspondentes ao seu mandato?

Se não as podia exercer, para que se prestou a exercel-as?

E como se comprehende que pretenda exercel-as, se ao mesmo tempo reconhece que não as pôde exercer?

Que circumstancias escravizadoras obrigaram individualmente os membros do novo municipio a aceitar um mandato que elles proprios declaram nullo?

Foram intimados pela policia?

Foram tirados por justiça?

Foram porventura violentamente arancados aos seus domicilios e levados á força aos seus respectivos pelouros?

Evidentemente—não.

Em Portugal não ha liberdade de votar, mas a liberdade de ser votado é ampla.

Os individuos que compõem o novo municipio de Lisboa praticaram portanto um acto de vontade. Se não sollicitaram, consentiram, mediante larga publicidade, que os seus nomes fossem propostos ao suffragio. Andaram largos dias nos jornaes, foram recommendados em artigos de fundo, distribuiram-se em profusas listas lithographadas e contendo por extenso a enumeração legal dos seus appellidos. Se não se bateram por uma eleição que, de resto, lhes estava garantida, interessaram-se pelo seu exito. Nós não queremos devassar o fóro intimo da actual edilidade, mas iriamos jurar que nas vespervas da eleição ella teve insomnias, dormiu mal, sonhou talvez o triumpho da opposição e acordou com olheiras.

Estes factos, veridicos uns, presumiveis outros, não significam apenas uma molle acquiescencia, mas uma energica solidariedade.

Muito bem. O actual municipio de Lisboa desejou exercer as funcções em que está.

Como se explica, pois, que o seu primeiro acto ao entrar no exercicio d'ellas, seja declarar que não as pôde exercer?

Illogica situação!

A logica é um principio d'ordem. Mesmo nas sociedades dissolutas, a logica é um principio salutar, porque põe em ordem os factos.

A nova vereação sabia perfeitamente que a instituição municipal lisboense havia perdido os seus fóros ganhos na tradição e no direito, graças ao centralismo feroz do Estado. A nova vereação sabia perfeitamente que a camara municipal de Lisboa fóra tornada uma dependencia do ministerio do Reino. A nova vereação sabia perfeitamente que, n'estes ter-

mos, nenhuma liberdade de acção seria permitida a delegados populares que na realidade não o eram senão do governo. A vereação, de resto, ella propria, como foi eleita? Com o concurso do governo! Ora os governos não elegem paladinos: nomeiam funcionarios.

Ao entrar no edificio do Pelourinho, a nova vereação anticipadamente sabia que não ia exercer funcções independentes, mas tão contingentes como a sua propria origem, e o que seria logico não seria que reclamasse mais liberdade do que aquella que havia, mas que se accommodasse com aquella que encontrou.

Porque é que a vereação de Lisboa, tão conciliatoria no acto de se fazer eleger, nos apparece tão intrasigente depois de ter sido eleita?

Porquê?

Eis porque:

A vereação de Lisboa quer servir ao mesmo tempo os homens e os principios.

A vereação de Lisboa não é no fim de contas o pelouro da limpeza, ou o pelouro dos incendios. A vereação de Lisboa é o nosso tempo, tão curiosamente caracterizado pela permanente contradicção entre o que os homens pensam e o que os homens fazem.

O que os homens pensam é excelente; o que os homens fazem é detestavel. As suas idéas são o mais possivel generosas; os seus actos são o mais possivel egoistas. Cada homem é portador de um mundo novo e de um mundo velho: um mundo novo com que sonha, um mundo velho que pratica.

A vereação de Lisboa sonha o municipio livre, mas serve o municipio escravo.

Eis aqui.

Tão sómente, a nosso vêr, ella poderia dispensar-se de transformar em moções d'ordem estes verdadeiros phenomenos de desordem moral.

Para a outra vez, o sr. vereador Carvalho Pessoa deve guardar os principios n'um sacco e os homens em outro.

Em ambos não cabem.

JOÃO RIMANSO.



Julião Machado



De vez em quando o Brazil leva-nos um amigo, um camarada, um conviva.

Dá-se um jantar, invocam-se brindes, fazem-se votos e o paquete parte.

Passam-se os annos.

— Que é feito de Fulano? pergunta-se.

— Está no Brazil.

As companhias dramaticas trazem novas. — Fulano está optimamente.

A gente regosija-se. Pensa comsigo: Bem! aquelle fica por lá! Enriquece, 'casa-se.

Subito, na rua do Ouro, encontra-se Fulano. Braços abertos, exclamações, palmas e sonoras nas costas, numerosas — «quando chegaste?»

Fulano voltou.

O que foi?

Uma revolução?

Um rapto?

Um tremor de terra?

Uma crise?

Nada! tão sómente—a saudade.

Largos annos se resistiu, mas vem um dia em que — *c'est plus fort que vous*.

Largam-se armas e bagagens e volta-se.

Assim voltou Julião Machado, o tão sympathico e querido amigo e camarada, que hoje é facil encontrar nas ruas de Lisboa, após tão longos annos de ausencia, esplendido de vivacidade e de saude.

Que elle seja bemvindo—e que fique!

Regosigemo-nos

A vida está-se tornando realmente suave em Portugal.

O dr. Moreira Junior acaba de demonstrar em S. Bento que o nosso paiz é d'aquelles que regista maior mortalidade, mercê da deficiencia da alimentação.

Estava-se á espera da revolução da fome.

A revolução não vem, mas vem com um verdadeiro morticínio, o aniquillamento de uma raça inteira nas classes pobres, as creanças portuguezas são verdadeiros casos de martyrologio.

Pedimos desculpa aos espiritos humoristicos e ao publico em geral de ferirmos uma nota tão soturna n'este instrumento de bom humor que é a *Parodia*—foi puramente por inadvertencia que lhe passamos por cima um dedo leve.

Não se vive, é certo, na abundancia—mas ha soccorros.

A tuberculose faz medonhos estragos, mas a Assistencia ahí está que não se nega a ninguem.

Mas—diziamos nós—a vida está-se tornando realmente suave n'esta occidental praia luzitana.

Justamente, alargou-se a area da cidade.

Lisboa fica assim sendo uma das maiores cidades do mundo—maior do que Londres, maior do que Paris,

maior que Nova-York, nós temos a mania das grandezas. Podemos regosijar-nos.

Vejamos, porém: a carne, o azeite, o vinho são onerados com cinco ou seis vezes mais do que pagavam até agora.

Quer dizer, dentro em pouco o matadouro fecha e mata-se um boi—para o sr. marquez de Franco, porventura mesmo para o sr. Carvalho Monteiro, unicos cidadãos que no novo regimen, poderão permitir-se estes dois regalos da fortuna: comer carne e ter cadeira em S. Carlos.

N'isto sobrem as propostas de fazenda, são de uma actualidade palpitante—e aqui está; augmento de impostos!

Ao que parece, os mesmos bilhetes dos carros americanos vão pagar impostos, como os dos theatros.

Novos impostos sobre os generos alimenticios.

Finalmente, novo processo de cobrança da contribuição de renda de casas, a qual d'ora avante ficará a cargo dos senhorios.

O contribuinte em geral é dado por insolvente e caloteiro. Para o effeito da decima, só gosam do favor do Estado, os proprietarios, os negociantes, ou industriaes estabelecidos e os empregados publicos.

Do resto da população inquilina ficam responsaveis os senhorios.

Os agravamentos de mal estar a que esta curiosa medida vae dar logar, são ainda desconhecidos.

Junte-se a isto um ceu azul constantemente gabado pelos poetas e pela imprensa diaria, uns domingos de appetite na Avenida e no Campo Grande, boas mulheres, o linguado com molho d'ostras do café Leão e digam-n'os se não é realmente da gente se regosijar por ter nascido em tão benéfico solo e sob os auspicios de tão boa estrella.

Requerimento

O sr. João Franco dispõe-se a chamar a si a opinião do norte, afirm de salvar o paiz dos males da rotação.

Nós não pertencemos ao numero dos individuos que negam ao sr. João Franco o direito de salvar o paiz.

O que lhe pedimos é que se despache.

Sua ex.^a está um pouco na situação do *Trovador*. Tem uma mãe infeliz, que é, para que assim o digamos, a mãe de nós todos, e annuncia que vae correr a salva-a.

Mas demora-se.

Sua ex.^a está fazendo patriotismo? Perfeitamente.

O que lhe pedimos é que faça me-nos contraponto.

OS APOSTOLOS



—Ouo vadia, dominé?
—Vou ali ao Porto e volto já á rua da Emenda...

Emendas ao Discurso da Corôa

Tem-se dito que a Corôa collaborou, d'esta vez, no discurso que lhe fizeram recitar, modificando quatro passagens d'esse documento, contra a vontade do Ministerio.

Achamos muito bem, mas achamos pouco.

Desejariamos que collaborasse tambem o Sr. Dr. Candido de Figueiredo.

As Efemerides

E' uma nova mania que passa na imprensa de Lisboa, a mania das efemerides.

O *Diario de Noticias* publicava um d'estes dias duas columnas repletas de efemerides musicas relativas ao anno findo de 1903. Não resistimos á tentação de transcrever algumas:

Fevereiro, 2. No Conservatorio Real de Lisboa dá-se a primeira audição de alumnos em beneficio do cofre de subsidiados. O programma, composto de 18 numeros de musica e declamação, deixa a melhor das impressões, e um producto liquido de 3420.

Maio, 2. Trasladação para o Pantheon dos Jeronymos dos restos mortaes de Almeida Garrett, fundador do nosso Conservatorio com acompanhamento a quatro mãos pelo sr. Conde de Valençães e Sebastião da Silva Leal.

Setembro, 23. Inicia-se em Weimar um congresso que tem por fim regularisar a propriedade artistica e litteraria. O delegado portuguez é o habil Chefe Ferreira.

Etc. etc.

De borla

Falando da nova peça de Eduardo Schwalbach, *A cruz da Esmola*, dizia o *Diario Illustrado*:

«No theatro D. Amelia ha caras muito bonitas. Assim, quando numa peça entra quasi toda a companhia, é um encanto nos finaes dos actos vêr apparecer todas ellas dando a visão um tom agradabilissimo...»

Recomponhamos em mente um d'estes finaes d'acto: a actriz Josephina d'Oliveira dando a mão ao actor Antunes; o actor Antunes dando a mão á actriz Elvira Costa; a actriz Elvira Costa estendendo as pontas dos dedos ao actor Christiano; o actor Christiano pegando na sinistra da actriz Jesuina; a actriz Jesuina espetando o dedo mindinho ao actor Gil; o actor Gil pegando com uma outra actriz que lá ha, muito escangalhada, com uma grande bôca de scena, e de que não nos lembra o nome; e esta, finalmente, puchando p'lo actor Chaby, que já estava a mudar de calças para se ir embora, e que apparece assim mesmo, em ceroulas!

Louvado seja Deus!

Cale a bocca, seu Zé Dias Ferreira,
A coisa vae ficar mesmo umas natas,
Que os herôes do carneiro com batatas
Acordaram com miólos na caveira!

Trazem cem mil projectos na carteira,
Promettem pôr tarraxa nas berratas;
Enxotaram as grandes cataratas,
Vem desmanchar o ninho das melgueiras!

Eu agasalho n'alma a môr esp'rança,
Tenho fé em achar um paraizo
No que tem sido cóio de papança!

Chegou tardia a vez de haver juizo...
E assistiremos todos á matança
D'aquelle feroz cão de enorme guizo!

**Boa-nova litteraria**

O fecundo escriptor Sr. Silva Pinto tem no prélo um novo volume de estudos de psychologia social intitulado *No Coliseo*.

Evidentemente, o Coliseo, neste caso, é o local figurado onde o valente critico se apresenta mais uma vez como luctador antigo. Mas nem todos o perceberam assim, e a seguir á noticia Albano da Cunha perguntava:

— «No Coliseo, sim... Mas em qual d'elles? No das Portas de Santo Antão ou no da Rua Nova da Palma?»

**Um decreto e uma chuchadeira**

Veiu já publicado no jornal official do Governo egypcio o decreto nomeando juiz do Tribunal mixto de 1.^a Instancia de Mausourah o Sr. Pereira e Cunha, que ainda é governador civil de Lisboa.

O fecho do decreto é nos seguintes termos: «Feito no Palacio de Abdine, a 15 de Dezembro de 1903—Abbas Hilmi. Pelo Kediva, o Presidente do Conselho de Ministros, Montanha Fohmy—O Ministro da Justiça, Ibrahim Fouad—Registado, Dônnahna Pirece».

Claro. Depois da publicação d'esse decreto, é o que o Sr. Pereira e Cunha tem a fazer.

...D. Anna, pire-se!

**Almanach de Gotha**

Referiu a Agencia Havas que a Condessa de Montegnoso, ex-princesa herdeira de Saxe, mandou pelo anno novo uma carta de boas festas a seu marido, o Príncipe Frederico, á qual este se apressou em responder nos termos mais affectuosos.

Esta princesa, lembram-se, tinha-se raspado ha tempos com um preceptor dos filhos.

O telegramma não parece da Havas. Parece do *Serão nas Laranjeiras*.

Homens bons

Começa nestes termos a *Tribuna* um dos seus artigos a respeito da nova camara de Lisboa:

«Com o novo anno entrou a administração municipal na sua normalidade. Já tomaram posse os vereadores eleitos e, não discutindo se elles representam exactamente a vontade e o voto popular, o facto é que saíram da urna eleitoral para o Palacio do Pelourinho, e como tal são os legitimamente representantes, os procuradores da cidade para todos os effeitos. Vae pois inaugurar-se para o municipio um novo periodo de actividade administrativa...»

O Sr. Conselheiro Antonio d'Azevedo, aos novos vereadores:

— «Meus senhores, temos muito que fazer. Vamos a isto. Está aberta a sessão...»

Recosta-se na cadeira da presidencia e péga profundamente no somno.

**O Balanço**

Diziam os jornaes do dia 1 do corrente:

«O dia de hontem foi angustioso para o commercio de Lisboa. As liquidações do fim do anno fizeram-se sob a pressão de uma situação das mais tensas. O Banco de Portugal já ha muitos dias vinha restringindo os descontos a limites desde muito tempo desconhecidos. Os outros Bancos viam-se forçados a imitar o nosso primeiro estabelecimento de credito. A este estado chegámos, mercê do proceder do Governo. Nos ultimos mezes tem elle vivido fazendo um verdadeiro cêrco ás economias dos particulares, atirando, dia a dia, para o mercado massos e massos de titulos... Chega a ser um crime o deixar-se protelar semelhante estado de coisas».

A mesma hora em que se lia isto nos jornaes, o correio batia á porta da Casa Fonseca, Santos & Vianna, e entregava um bilhete de boas festas, que dizia assim:

HENRI BURNAY & C.^a

desejam aos seus amigos um feliz anno novo.

E logo os Srs. Fonseca, Santos & Vianna, mandavam deitar na caixa do correio outro cartão, dizendo:

FONSECA, SANTOS & VIANNA

agradecem e retribuem.

O discurso

Que o nosso credito está
Na maré de melhorar...
Mas porque demo será
Que o bicho que temos cá
De gordo quer estoirar?...

Que se avigore, a não mais,
Da nação a economia...
Mas o Zé dos arraies
Viu das festangas reaes
A bela tafularia!

Que vamos vêr o orçamento,
Quanto possível, exacto...
Isto traz-me ao pensamento
Que o pomposo documento
Andou por unhas de gato!

Que vão crescendo os metaes
Que compram o que se come...
Mas o Zé dos Olivaeas
Affirma ás plantás reaes
Que o povo vive de fome!

Que o nickel de vez acaba,
Por nos causar desarranjos...
Porém deixa a gente gaga
Sem saber se finda a praga
De tantos vintens macanjos!

Que confia no alto zelo
Provado, de nossos paes...
Mas, nesse ponto tão bello,
Dizem o sabio e o camello:
Já conversámos de mais!

Que espera da Providencia
Não nos deixar ir ao charco...
Isto quer dizer—que a sciencia
Não sobe a grande eminencia
Nos novos patrões do barco!

Pois que venha ella a zunir
N'uma espantosa carreira,
Como quem quer acudir...
E, se ella não pnder vir,
Que venha o Dias Ferreira.



ZACHARIAS.

Logares selectos

Oratoria funebre. E' de ha dias:

«Direi simplesmente como ha mui-
tos annos disse Bossuet: «As quali-
dades d'este homem illustram toda a
sua vida».

Na ordem dos logares selectos do
genio universal, este é da cathgoria
dos que passamos a enumerar:

Que é isto?
Confucius.

Seja muito bem vindo!
Madame de Stael.

Que horas são?
Bonaparte.

A purga não fez effeito.
Luíz XIV.

A minha capa?
Chateaubriand.

Até amanhã se Deus quizer.
Pascal.

Lá vae cantiga

Nós andavamos em pancas,
Tudo desatava em ralhos;
Tributos como espantalhos
Nos arrombavam as ancas!...
Mas eis as côrtes já francas
Para que a parola brinque;
E eu cá já tenho onde finque
Esp'rança que o rir provoca
Pois creio n'aquelle coca
Como em as pillulas Pinck.

EXPEDIENTE

Por estes dias devem ser postas á
venda as capas do primeiro volume
da *Parodia-Comedia Portugueza*.

Preço de cada 700 réis.
A administração encarrega-se da
encadernação pelo preço de 200 réis
cada volume.

Os pedidos da provincia devem vir
acompanhados da importância de 40
réis para porte do correio.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de dezembro de 1903 o comboio n.º 50a, Tam-
way, que sãe de Figueira ás 7 horas e 55 minutos da ma-
nhã, terá 30 segundos de paragem na estação de B. de
Lares para serviço de passageiros.

Liaboa, 28 de novembro de 1903.

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Bilhetes postaes d'A Parodia

Em chromo

Magnifico cartão. Explicanda collecção

Vendem-se na tabacaria Costa
Rua do Ouro, 295

Marcellino Mesquita

UMA ANECDOTA

Episodio dramatico

Preço 200 réis

Requisições a Carlos Martins — Rua do
Gremio Luzitano, 66, 1.º

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A côres e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Porte do correio: 40 réis

Collecção do 1.º anno

ENCADERNADA

Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzi-
tano, 66, 1.º

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Extirpações sem dor de todos os
callos, serviços antisepticos,
etc. Cura radical de unhas en-
cravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



**MOLDURAS E MOVEIS
DOURADOS**

A ouro fino, continuam-se a fabricar em todos os esty-
los, por preços modicos.

Espelhos molduras e galerias.

Mezas de phantasia douradas em diversos gostos.

Galerias douradas a 800 réis.

Baguette nacional para molduras e galerias: qualida-
de e preço rivalisa com a estrangeira.

Estampas e oleographias, bom sortimento e variedade
de muito barato, porque vem directamen-
te á nossa casa: todos os artigos acima mencionados e
muitos outros do que diz respeito á arte de dourador, se
encontram a venda na officina e deposito de moveis dou-
rados de Joaquim Antonio Perreira.

273, Rua da Rosa, 275

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Apparelho completo com accessorios, livro explicati-
vo ao alcance de quaquer tirar retratos, por 600 réis,
provincia 650 réis.

Pedir catalogo illustrado. Capas para a encaderna-
ção d'*A Parodia*, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



Os celebres gabões d'aveito
Não ha em Portugal quem venda
mais barato e mais bom feito
do que o

JOSÉ CLEMENTE
51 — Rua da Escola Polytechnica — 55

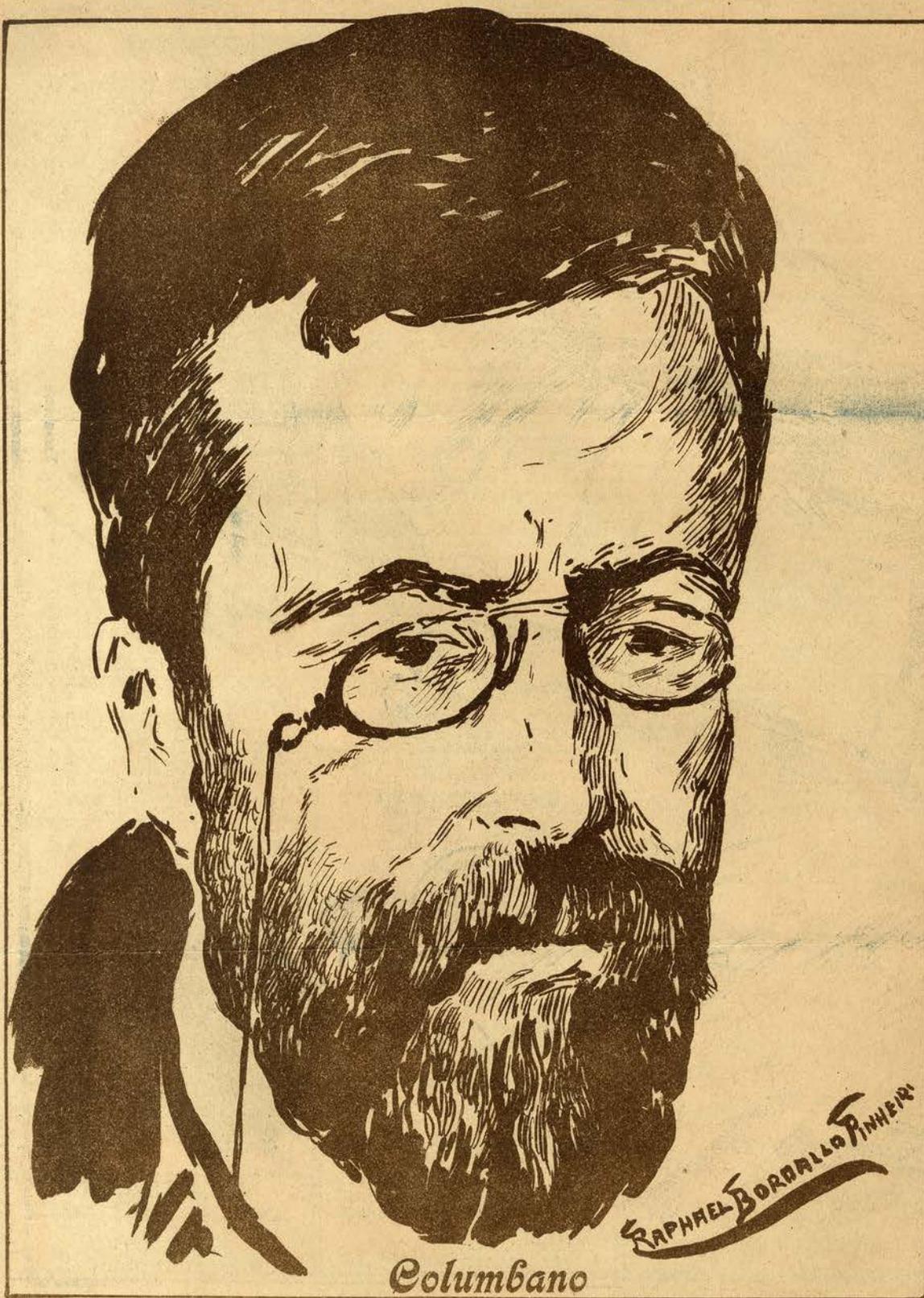
ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonnagens, dourados em fitas pa-
ra cordas e em toda a qualidade de pelles. Casa premio.
da em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

UMA QUESTÃO DE FAMÍLIA



Columbano

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO